
O atletismo nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos

Jacqueline Cristina Jesus Martins

CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano

A experiência aqui relatada refere-se ao trabalho desenvolvido no CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) Aluna Jessica Nunes Herculano durante o primeiro semestre de 2016 com as turmas dos módulos 1 e 2 (Etapa de Alfabetização e Etapa Básica) dos períodos da manhã e tarde, um total de quatro turmas. Sou professora supervisora do PIBID e me acompanharam na realização desse trabalho dois bolsistas no período da manhã e dois bolsistas no período da tarde. Esses bolsistas são estudantes do curso de pedagogia da Universidade de São Paulo e acompanham as aulas das turmas que participaram do trabalho aqui relatado.

A escolha da tematização do atletismo nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos foi feita a partir das observações das práticas realizadas no ano anterior e das avaliações feitas pelos alunos sobre as aulas. Outro ponto importante na escolha do tema é a realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos no Rio de Janeiro em Agosto desse ano, o que traz a temática para os jornais, revistas e programas televisivos e acabam permeando as nossas vidas. O número de pessoas com deficiência que compõem as turmas que participaram das aulas também foi um fator importante para a decisão do estudo das Paraolimpíadas, pois era importante que os estudantes com deficiência se reconhecessem com produtores das práticas esportivas e que os demais educandos conhecessem um pouco mais sobre a prática dos esportes Paraolímpicos. Por último, foi levada em consideração a possibilidade de realização das práticas no espaço que a escola dispõe; não há quadra na escola e as aulas são realizadas no espaço da rua em frente à escola.

Entre as quatro turmas que participaram das aulas temos um total de 26 pessoas com deficiência, sendo: quatro estudantes com Síndrome de Down, três estudantes com deficiência física, uma estudante com deficiência auditiva, quinze estudantes com deficiência intelectual e três estudantes com deficiência múltipla – desses três, dois são usuários de cadeiras de rodas. Além das PCD (pessoa com deficiência), o grupo também é composto por jovens, homens e mulheres trabalhadores e idosos e idosas aposentados. Por se tratar da Educação de Jovens e Adultos, é importante registrarmos que existe um movimento de entrada e saída de alunos a todo momento, que alguns estudantes por diferentes motivos saíram das turmas enquanto outros entraram durante a realização do trabalho e alguns mudaram de horário.

A proposta do trabalho: “O atletismo nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos” teve como objetivos: Conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito do

Atletismo realizado nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos; Reconhecer as diferentes provas do atletismo, identificando as características principais de cada uma das modalidades (corridas, saltos, arremessos e lançamentos); Experimentar e vivenciar as provas do atletismo de acordo com as possibilidades de espaço, tempo e matérias da escola; Reconhecer as produções corporais das pessoas com deficiência.

Para o desenvolvimento do trabalho selecionamos como conteúdo curricular, algumas provas de atletismo realizadas nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Paraolímpicos. Estudamos: o arremesso de peso; o lançamento do martelo; o lançamento do dardo; os arremessos e lançamentos paraolímpicos do martelo e do peso; as corridas de resistência; a marcha atlética; a corrida para deficientes visuais; as corridas de revezamento e os saltos em distância e o salto em altura.

Iniciamos o trabalho com uma conversa sobre as aulas de Educação Física no ano anterior, onde estudamos as práticas ginásticas. A partir dessa conversa percebi que o interesse pelas corridas e caminhadas era um ponto forte entre os estudantes, e muitos solicitavam a continuidade dessas atividades. De posse dessas informações e com a intenção de ampliar o conhecimento desses estudantes a respeito das práticas corporais, entendi que o atletismo era uma boa modalidade para ampliar os conhecimentos dos educandos, pois além das provas de corridas (o que contemplaria o interesse dos estudantes) também ampliaríamos para as outras modalidades – Arremessos e Lançamentos e Saltos.

Após ter selecionado o atletismo nos dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, apresentei a proposta aos grupos e todos aprovaram, inclusive apresentaram muitas curiosidades a respeito do tema. Para aproveitar essas curiosidades, iniciamos o trabalho falando sobre os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos: falamos sobre a periodicidade da realização dos jogos, as modalidades que os compõem, como se faz para que um esporte entre no evento, a diferenças entre os esportes olímpicos e paraolímpicos, sobre categorias de acordo com as deficiências, entre outras coisas.

Em seguida iniciamos os nossos estudos pelos arremessos e lançamentos. Durante algumas aulas estudamos o arremesso de peso, o lançamento do martelo e o lançamento do dardo. É importante lembrar que as aulas acontecem na rua, e para isso muitas adaptações são feitas, pois a proximidade da Rodovia Raposo Tavares, as demais ruas e os carros estacionados interferem diretamente nas nossas experimentações e vivências. Apesar dessas dificuldades por conta do espaço físico, os três implementos foram estudados durante as nossas aulas.

Estudamos as regras dos arremessos, as técnicas utilizadas pelos atletas, as adaptações feitas para a realização nos Jogos Paraolímpicos de acordo com cada tipo de deficiência, assistimos filmes mostrando os arremessos feitos por atletas dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, além das vivências dos arremessos e lançamentos – realizamos tanto as vivências olímpicas como as paraolímpicas – isto

é, os estudantes sem deficiência também experimentaram algumas adaptações dos arremessos para poderem sentir essa outra forma de participar das aulas e dos Jogos. Para essas vivências, utilizamos um banco alto, onde todos os estudantes realizaram os arremessos e lançamentos sentados, que é uma das adaptações feitas para os usuários de cadeira de rodas.

Durante essas todas as nossas vivências, foi interessantes perceber como foram necessárias poucas adaptações para garantir que os alunos com deficiência participassem. Uma adaptação foi feita nos arremessos sentados, pois uma estudante com síndrome de Down ficou com medo de sentar-se no banco porque era alto e então utilizamos uma cadeira mais baixa. E para os estudantes usuários de cadeiras de rodas, nos lançamentos do dardo, outro estudante empurrava a sua cadeira para que ele fizesse o lançamento. Para os estudantes com deficiência intelectual, foi importante respeitarmos os seus tempos, explicações mais diretas, demonstrações antes deles realizarem os lançamentos, e todos conseguiriam realizar as atividades propostas, sem a necessidade de outras adaptações.

As vivências olímpicas e paraolímpicas forma importantes para todos os estudantes das turmas, pois suscitou algumas discussões sobre as dificuldades das pessoas com deficiência, a importância da participação das pessoas desses grupos na sociedade e também de como todos nós estamos sujeitos a estar nessas condições, pois vimos que alguns dos atletas paraolímpicos se tornaram PCD após sofrerem algum acidente ou em decorrência de alguma doença que o colocou nessa condição. Alguns alunos exemplificaram com o caso de um ex-participante de um programa de televisão (Big Brother Brasil), que sofreu um acidente e agora participará dos Jogos Paraolímpicos. Também temos algumas duas mães de PCD nas nossas turmas que passaram a reconhecer que seus filhos podem participar de atividades corporais.

Além de todas as vivências e experimentações dos arremessos, para finalizarmos os estudos dos arremessos e lançamentos, assistimos um filme com as imagens do atletismo nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Paraolímpicos, e realizamos um registro escrito. Lembrando que essas turmas fazem parte das etapas de alfabetização, o registro trouxe imagens, utilizamos banco de palavras, e realizamos escritas coletivas, de forma a garantir que o que estava sendo avaliado na atividade era o conhecimentos sobre o atletismo e não a escrita e leitura dos estudantes. Nessa atividade, foi necessária a adaptação das atividades para alguns estudantes com deficiência. Nesses casos, utilizamos escribas, e para os alunos que não se comunicam oralmente, pedimos para que eles mostrassem corporalmente e nós registramos o que eles haviam feito.

Durante as imagens do filme, dois estudantes que são usuários de cadeiras de rodas se identificaram ao ver pessoas correndo nas cadeiras de rodas. Ao aparecer a cena uma delas exclamou: “Olha! Esse eu posso fazer!” e um outro disse: “Eles estão na cadeira, igual eu!”. Neste momento

percebi o quanto a tematização das práticas corporais das PCD estavam sendo importantes para que essas pessoas se vissem no currículo escolar.

Como as nossas vivências foram sempre pautadas pelo o que era possível fazer no espaço de aula, em muitos momentos precisamos modificar e construir os nossos materiais, mas sempre era falado sobre os pesos oficiais, como era a competição em outras condições de espaço, como alguns movimentos realizados por eles não seriam possíveis de serem feitos com os implementos oficiais etc. Um exemplo disso foi no nosso arremesso de peso, quando alguns alunos passaram a lançar além do espaço da nossa rua, por questões de segurança tivemos que limitar até onde poderia ser feito o arremesso, isso descaracteriza a competição - que é para ver quem joga mais longe - porém a segurança de todos precisa ser levado em consideração, e para garantir essa segurança delimitamos zonas com pontuação e quem lançasse além dessa área não pontuava. Mas o tempo todo eu afirmava que eles estavam lançando tão longe porque o nosso peso (medicineball) era de apenas de 1Kg e de 2 Kg, e que se tivéssemos uma oficial de 7Kg (para os homens) e 4Kg (para as mulheres) seria mais difícil. Ainda a respeito das vivências, ao estudarmos o lançamento do martelo, fiz um martelo com joelheiras de vôlei envolvidas em fita adesiva – dessa forma caso o martelo escapasse, como era feito de espuma não machucaria ninguém além de diminuir o risco de amassar algum carro ou quebrar o vidro de alguma janela da vizinhança. Também modificamos o jeito de lançar, pois com o giro do corpo, a chance do martelo ir parar na Rodovia Raposo Tavares era grande, e isso poderia causar algum acidente. Portanto, eu apresentei o movimento como feito pelos atletas, apenas para demonstração. Em seguida os estudantes foram criando outras possibilidades de se lançar o implemento. Já para o lançamento do dardo, tendo em vista as questões espaciais, organizei as vivências de forma que nosso dardo (tubos de papelão) percorresse por fios amarrados entre os postes e as árvores, dessa forma garantimos que nenhum “dardo” causasse algum acidente. Os grupos apresentaram um grande interesse pelos arremessos e lançamentos, e para ampliar e aprofundar os conhecimentos desses estudantes consegui os implementos oficiais emprestados no CEPEUSP e levei para a nossa aula: um peso masculino (7Kg); um peso feminino (4Kg), um dardo feminino (600 gramas); um disco feminino (1Kg) e um martelo (7kg). Os estudantes ficaram surpresos com os pesos, os formatos, e as dificuldades em se lançar e arremessar esses materiais. Nesse dia, não lançamos nenhum desses materiais, apenas manuseamos, fizemos as empunhaduras corretas, e conhecemos o disco, material que não seria possível realizar na escola. Foi uma vivência extremamente elogiada pelos estudantes, questionaram os movimentos, as formas de segurar, as distâncias que os atletas lançam, esclareceram as suas dúvidas. A partir desses comportamentos avaliei que o grupo estava comprometido com os nossos estudos e estavam aprendendo muitas coisas sobre o atletismo. Após essa atividade, em que os estudantes se interessaram pelos implementos oficiais, comecei a organizar uma visita à pista de

atletismo do CEPEUSP, pois isso nos ajudaria a ampliar e aprofundar os nossos conhecimentos a respeito do atletismo.

Em seguida, passamos aos estudos das corridas e da marcha atlética, e para começar expliquei os tipos de corridas que existem - corridas rasas e fundas – (não falei sobre meio-fundo); os revezamentos e sobre a diferença entre a marcha atlética e a corrida. Falei sobre as características dessas corridas e como elas acontecem nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Paraolímpicos. Um dos alunos é corredor de provas de rua, e contribuiu muito durante a aula. Também relembramos as provas de corridas vistas no filme onde as PCD participavam das provas de diferentes formas: com cadeiras de rodas, com próteses, com deficiência nos membros superiores, com deficiência visual e com deficiência intelectual. Essa grande possibilidade de participação das PCD ampliou o olhar dos estudantes a respeito das práticas esportivas adaptadas. Em algumas cenas eles questionaram sobre a necessidade de se separar pessoas que tinham deficiência nos membros superiores nas corridas, pois eles tinham “pernas boas”. Nesse momento falamos sobre o equilíbrio, sobre o papel dos membros superiores no movimento da corrida, etc. Também falamos sobre o uso das próteses por atletas amputados ou bi amputados, pois alguns estudantes questionaram sobre as possíveis vantagens que esses atletas podem levar com o uso desses materiais, e que alguns deles já competem com atletas que não utilizam próteses. Outro ponto levantado nas discussões é a presença das pessoas com deficiência intelectual, pois muitas vezes, as pessoas só reconhecem como prática paraolímpicas adaptações físicas. Ao verem as PCD intelectual realizarem as provas, eles sempre perguntavam porque eles estavam nas Paraolimpíadas, pois não enxergavam nenhuma necessidade de adaptação.

Para o estudo das corridas, a partir do perfil dos grupos (um grande número de pessoas com a mobilidade comprometida), e pelo espaço destinado as aulas, onde o asfalto é muito irregular e isso aumenta a possibilidade de quedas, optei por não trabalhar com as corridas rasas (que requerem mais velocidade), optei por trabalhar com as corridas de resistência. Dessa forma trabalhamos com voltas no quarteirão, delimitamos o tempo e as pessoas realizavam as corridas, as pessoas que não conseguiam correr realizaram a atividade caminhando. Para controlar o número de voltas utilizamos contadores individuais. Para esta atividade, as adaptações necessárias para que as PCD participassem foi no caso dos usuários de cadeiras de rodas que não conseguem conduzir a própria cadeira, que alguém os empurrassem (optamos por professores ou estagiários, para garantir que os demais estudantes também realizasse a atividade proposta). E para os estudantes com deficiência intelectual, a única adaptação foi o acompanhamento pelos professores e estagiários, por questão de segurança, pois estamos na rua. Caso a atividade acontecesse em um local fechado (quadra ou pátio), não haveria a necessidade de acompanhamento.

Após algumas vivências das corridas de resistência, partimos para a vivência da corrida com os olhos vendados como havíamos visto no filme dos Jogos Paraolímpicos. Optamos apenas por caminhar, sem a necessidade de correr. Neste dia, iniciamos a aula lembrando as cenas dessa corrida e falando sobre o que era necessário para conseguirmos realizar a atividade, apresentamos como se guia uma pessoa com deficiência visual e propusemos fazer a vivência dando uma volta no quarteirão. Formamos duplas e vendamos os olhos da pessoa que seria conduzida. Cada um deu uma volta no quarteirão, ora conduzindo ora sendo conduzido. Nessas aulas, procuramos montar as duplas dos estudantes sem deficiência junto com um estudante com deficiência. Acredito que essa foi uma boa forma de mostrar que as pessoas com deficiência também podem colaborar na nossa aula e no nosso dia-a-dia. Para tanto, algumas ajudas foram necessárias, pois alguns estudantes com deficiência não se comunicam verbalmente e para isso ou a professora ou um estagiário acompanhou a dupla para ajudá-lo a guiar o seu colega. Para os estudantes usuário de cadeira de rodas, eles foram conduzidos com os olhos vendados e íamos perguntando se eles sabiam onde estavam, o que eles estavam ouvindo, quais cheiros sentiam, pedíamos para tocar em árvores e plantas para que tentassem identificar o que eram.

Ao final da aula os estudantes acharam a experiência muito difícil. Em uma das turmas um senhor abandonou a aula dizendo que não queria saber de fazer aquilo não. Penso que era justamente isso que queríamos mostrar: as dificuldades da deficiência visual. A atitude dele nos mostra o quanto a atividade o sensibilizou. Nas conversas após a aula, os estudantes relataram que tentaram perceber onde estavam a partir dos sons, dos cheiros, pelo sol batendo na pele. Também ressaltaram o quanto precisam confiar na pessoa que está guiando e relataram que correr da forma que aqueles atletas correm deve ser uma tarefa muito difícil e que precisa de uma relação de muita confiança entre a dupla.

Nas aulas seguintes passamos a estudar as corridas de revezamento, mas com algumas diferenças – novamente por conta do espaço – o revezamento ficou mais próximo de uma atividade de estafeta, pois as corridas aconteciam de uma forma que os estudantes iam até o cone e voltavam, e isso fazia com que o bastão fosse passado de frente, muito diferente da corrida de revezamento oficial, porém o que tentamos enfatizar, que essa era uma corrida coletiva, ou seja, em equipe, e que todos colaborariam para o resultado final. Em algumas turmas, realizamos as disputas correndo, em outras caminhando de acordo com a negociação feita com os grupos. Foi muito interessante o quanto os estudantes se envolveram nessa atividade. Em algumas turmas a competição entre as equipes foi muito interessante na visão do grupo, sugeriram inclusive que poderíamos ter mais momentos assim nas aulas.

Conforme havíamos planejado, conseguimos a visita à pista de atletismo do CEPEUSP (Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo). As turmas da tarde foram na terça-feira (17/05) e as turmas da manhã na quarta-feira (18/05). A proposta da visita era de conhecer o espaço onde as

provas são realizadas e de experimentar a realização dessas provas no local onde elas acontecem oficialmente com os implementos oficiais.

No dia da visita da turma da tarde, o dia estava ensolarado, a pista vazia, conseguimos os implementos oficiais e experimentamos: as corridas na pista – uma corrida de 400 metros e um revezamento. Os arremessos e lançamentos com os implementos oficiais (martelo, peso e dardo) e o salto em distância na caixa de areia. Foi uma vivência marcante tanto para as senhoras, como para os jovens e para os estudantes com deficiência. Todos participaram com muita vontade e interesse em experimentar as atividades propostas. Saímos de lá com todos elogiando muito a experiência e encantados por poderem estar naquele espaço.

Já no dia da visita da turma da manhã, o dia estava chuvoso – não parou de chover em nenhum momento da nossa visita – fomos então para o plano B, ficamos embaixo da arquibancada do velódromo e realizamos algumas vivências: conhecemos o bloco de partida das corridas, e os estudantes puderam experimentá-los. Essa experimentação foi muito legal, pois muitos pensavam que era uma mola que dava um impulso, ao verem como o equipamento funcionava perceberam que é o próprio atleta que faz o movimento de largada. Também realizamos os arremessos de peso, mas usando medicineball mais pesados dos que o que tínhamos na escola (usamos os de 3, 4 e 5Kg). E o mais interessantes na visão dos estudantes foi o salto em altura. Não utilizamos o sarrafo, apenas colocamos uma fita, dessa forma não os machucaria e não os inibiria de arriscar o movimento. Apresentamos o salto tesoura e o fosbury, e os estudantes puderam saltar quantas vezes quiseram. Mesmo com a chuva a avaliação da saída foi positiva, pois os estudantes conheceram alguns materiais novos e experimentaram o salto - o que não seria possível na escola - porém ficaram um pouco decepcionados por não terem conseguido ir até a pista e por não realizarem os arremessos e lançamento com os implementos oficiais. Neste dia, mesmo com a chuva havia um atleta da marcha atlética treinando na pista, pedi para que os estudantes observassem, pois aquela seria a próxima modalidade que estudaríamos.

É importante ressaltar que durante a visita à pista, todos os estudantes com deficiência participaram das atividades sem a necessidade de nenhuma adaptação específica por contada da sua deficiência, as adaptações feitas foram para todos os estudantes, como realizar o salto em distância da borda da caixa de areia e não da tábua de saltos, no caso do lançamento do martelo levei o que nós havíamos produzidos na escola, porque para algumas pessoas o implemento de 7Kg seria muito difícil de lançar. E pessoas com e sem deficiência utilizaram o nosso martelo ao invés do oficial.

De volta as atividades na escola, partimos para as vivências da marcha atlética. Novamente iniciei a aula com a diferenciação entre as corridas e a marcha atlética, as regras da modalidade e como funcionam as provas. Organizamos a vivência na própria rua e estabelecemos um tempo para que os

estudantes fizessem a marcha atlética contando quantas voltas cada uma conseguia fazer. Aqui novamente, a única adaptação necessária foi a de empurrarmos a cadeira de rodas dos estudantes que não conseguem conduzi-las sozinhos. Para os demais estudantes com deficiência, não foi necessário nem o acompanhamento, pois a atividade foi realizada apenas no espaço em frente a escola, o que não gera nenhuma dificuldade com relação à segurança. A marcha atlética requer muita técnica, e ficou mais parecida com uma caminhada rápida do que com a marcha atlética, mesmo após algumas vivências. Mas considero que mesmo sem conseguir executá-la corretamente, os estudantes compreenderam a diferença existente entre ela e as corridas.

Para finalizar o trabalho, apresentei aos estudantes um vídeo onde reuni imagens do atletismo nos Jogos Olímpicos, nos Jogos Paraolímpicos e cenas das nossas aulas que aconteceram durante o nosso trabalho e da nossa vivência na pista de atletismo. Foi uma experiência muito bacana. Uma aluna com deficiência intelectual ficou encantada ao se ver na televisão, perguntou diversas vezes como havíamos conseguido colocá-la na televisão. Em tempos de internet, onde postamos fotos e vídeos em redes sociais, enviamos imagens de qualquer lugar onde estamos através dos celulares, tablets e computadores, nos parece estranho alguém não estar acostumado a se ver nas telas. Isso nos mostra como as PCD estão afastadas de algumas práticas sociais. Mas para além do encantamento dessa estudante em estar na televisão, muitos outros estudantes gostaram muito de ser ver realizando as atividades do atletismo. Fizemos uma avaliação do vídeo e alguns foram muito críticos com relação às suas participações. Alguns afirmaram que poderiam ter feito melhor determinada atividade, outros afirmaram que a proposta da aula era apenas para experimentar, não havendo a necessidade de fazer igual aos atletas, outros ainda afirmaram que nunca conseguiriam fazer determinadas provas iguais aos atletas porque eles treinam muito para isso, e alguns reconheceram que muitos atletas com deficiência realizam algumas provas com muito mais destreza e facilidade do que eles que não possuem nenhuma deficiência.

Também discutimos a realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos aqui no Brasil e alguns estudantes se posicionaram contra e outros a favor, utilizando diferentes argumentos. Ainda falamos sobre o desempenho do Brasil nos Jogos Olímpicos e no Jogos Paraolímpicos, e muitos alunos afirmaram que viram na televisão que o Brasil é melhor nos Jogos Paraolímpicos do que nos Jogos Olímpicos.

Durante todo o trabalho a avaliação foi acontecendo de forma em que as próximas ações didáticas acontecessem a partir dos acontecimentos das aulas, das falas dos alunos, das dificuldades observadas, das perguntas realizadas. Para garantir isso, as aulas foram registradas através de fotos e filmagens e também no diário da professora e no registro dos bolsistas do PIBID. Nesse registro pessoal, além do que aconteceu na aula, também estavam as impressões, as falas dos estudantes, as

dificuldades enfrentadas, dessa forma as tomadas de decisão se aproximavam mais das reais necessidades dos estudantes.

Em alguns momentos realizamos registros escritos sobre o que estávamos estudando, para que pudéssemos observar quais eram as dificuldades apresentadas pelas turmas. É importante lembrar que o trabalho aconteceu com as turmas de alfabetização da EJA, e que muitos deles não estão alfabetizados, propor registros que valorizem apenas a leitura e a escrita não faz sentido, assim como para alguns estudantes com deficiência que também não estão alfabetizados. Tendo isso em vista, todas as propostas de registros escritos valorizaram imagens, coisas que haviam acontecido nas aulas ou foram feitos coletivamente.

Por fim, acredito que o trabalho desenvolvido alcançou os objetivos propostos inicialmente. Notamos que muitos alunos vêm trazendo para as aulas informações sobre a realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos que acontecerá em Agosto de 2016, o que nos faz avaliar que a escolha da tematização atendeu o objetivo de ajudar os alunos a compreenderem um pouco mais sobre o que é os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Dentre essas falas, um senhor chegou na aula me informando o quanto o atleta do martelo havia lançado (assistiu em um programa esportivo que passa aos domingos), alguns estudantes falaram sobre uma novela que estava passando (Totalmente Demais da Rede Globo de Televisão) onde um rapaz havia sofrido um acidente e passou a usar cadeira de rodas e havia se tornado um atleta de corrida de cadeira de rodas. Após a visita ao CEPEUSP, quando fizemos o salto em altura, uma aluna me informou que assistiu na televisão que o nome Fosbury era o nome do atleta que inventou esse salto (ela informou que passa em um canal de tv por assinatura, um comercial que traz curiosidades dos esportes olímpicos). No nosso último dia de aula em que realizamos o fechamento do trabalho, alguns alunos citaram um outro comercial de televisão onde uma atleta paraolímpica da corrida para cegos é a protagonista, muitos estudantes vieram falar que a reconheceram pois havíamos assistido a uma corrida dela em um de nossos vídeos.

Para encerrar o trabalho, fomos assistir uma competição de atletismo Paraolímpico que aconteceu no Centro Paraolímpico Brasileiro. Apenas 20 estudantes participaram dessa atividade, pois foi a competição aconteceu em um sábado no período da tarde, o que dificulta a participação de alguns estudantes, porém avalio que para os estudantes que estiveram presentes a atividade foi muito marcante. Foi possível notarmos o quanto os estudantes estavam reconhecendo as provas, os implementos, as regras, as adaptações feitas para que as pessoas com deficiência visual, intelectual e física precisavam para poderem realizar as corridas, os saltos e os arremessos. Encerramos um trabalho que contribuiu para que os estudantes do CIEJA BUTANTÃ além de conhecerem o atletismo, também reconhecessem que as pessoas com deficiência também produzem suas práticas corporais.